

Discurso de ódio contra jornalistas na cobertura esportiva¹

Ligia Tesser Pereira²
Unisinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O artigo analisa o caso de insultos contra a jornalista Bianca Machado, em 2018, durante um jogo de futebol entre Operário e Irati, que aconteceu em Irati, Paraná. A situação com insultos de cunho sexual ocorreu num momento em que se discutia o assédio sofrido por profissionais da cobertura esportiva, com o destaque ao movimento “Deixa ela trabalhar”, em todo o país. Para as articulações teóricas acerca do caso escolhido foram acionadas a teoria do Acontecimento (QUERÉ, 2005), da Semiótica (HENN, 2010) e estudos sobre Heterossexualidade Compulsória (RICH, 2012) e discurso de ódio (BUTLER, 2021).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalistas; injúria; discurso de ódio; identidades; acontecimento.

INTRODUÇÃO

O cenário se repetia mais uma vez. No dia 13 de março de 2018, a repórter Bruna Dealtry, do Esporte Interativo, cobria o pré-jogo de Vasco contra a Universidade de Chile³, em São Januário, no Rio de Janeiro. Ao vivo, a jornalista esportiva é assediada por um torcedor que a beijou. Dois dias antes, no domingo, dia 11 de março, a repórter da Rádio Gaúcha Renata Medeiros, em Porto Alegre, estava cobrindo a partida na área da torcida do Internacional, que jogava contra seu rival Grêmio. Renata ouve o grito "sai daqui, p..." pronunciado por um homem, que ao tentar filmar a cena, ela leva um soco, ou seja, é agredida.

O assédio sofrido por Bruna Dealtry teve repercussão nacional e, assim, surge através da iniciativa de jornalistas esportivas brasileiras a campanha online #DeixaElaTrabalhar⁴. Naquele contexto, cerca de 50 profissionais de imprensa aderiram a campanha que teve ênfase, principalmente, no Twitter, Facebook e Instagram (mídias sociais). Entidades de classes e agências de notícias também passaram a dar visibilidade

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos Culturais e Identidades., evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, email: ligiatesser@gmail.com

³ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/libertadores/noticia/2018/03/reporter-do-esporte-interativo-e-beijada-por-torcedor-e-desabafa-nas-redes-sociais-cjercsz4m02zo01r4esxa8b25.html>. Acesso dia 17/07/2023.

⁴ <https://www.sjssp.org.br/noticias/deixaelatrabalhar-continua-a-crescer-e-conscientizar-sobre-o-assedio-a-jornalist-f19c>. Acesso dia 17/07/2023

à campanha, que tinha o objetivo de conscientizar sobre o assédio sofrido por mulheres em seu ambiente de trabalho.

Em meio a campanha “Deixa Ela Trabalhar”, no dia 1º de abril de 2018, quando Bianca Machado, jornalista e assessora de imprensa do time de futebol Operário Ferroviário Esporte Clube (Operário), foi insultada repetidamente enquanto cobria o jogo de futebol Operário e Iraty, em Irati, Paraná. Ela foi vítima de insultos de cunho sexual, durante o jogo, porém de forma mais intensa ao final quando aconteceu a coletiva de imprensa.

A jornalista filma alguns torcedores a insultando e um colega fotógrafo até tentou intervir com a torcida para que aquilo parasse, porém ele também acabou sendo vítima das agressões verbais. Em texto, enviado à imprensa, Bianca disse que ficou ainda mais assustada porque os torcedores a chamavam pelo nome⁵.

A diferença entre os casos de Bruna e Renata ao de Bianca, é que as duas primeiras os agressores agiram de forma individual, já a situação da assessora do Operário vários homens proferiram ofensas, o que faz refletir: como esse tipo de ódio perpassa um processo de um hábito que é sentido como natural (para os agressores), em um grau que se torna uma ação coletiva

INTENSÃO É DIFAMAR E CONSTRANGER A VÍTIMA

A introdução apresenta-se nos casos de injúria um desejo de subalternizar e diminuir a mulher pelo fato de ser mulher, por isso se cauteriza como violência de gênero. O fato de diversos torcedores juntos insultarem a jornalista Bruna Machado durante o jogo de futebol, torna-se um conjunto de ações na multidão que se singulariza e então surge um novo acontecimento. Este acontecimento é resultado de um conjunto de semioses, que quando percebido gera um campo problemático⁶.

Nesta seara, Quéré (2005) propõe compreender o acontecimento a partir de uma ordem hermenêutica. Isto é situar na ordem do sentido, como o acontecimento organiza

⁵ <https://arede.info/esporte/207962/assessora-do-operario-pede-fim-do-assedio-e-respeito-as-mulheres?d=1> . Acesso 17/07/2023.

⁶ “Se a maior parte dos acontecimentos se inscrevem em campos problemáticos já constituídos, que perduram enquanto os problemas e as respectivas causas se mantêm, também novos campos problemáticos se constituem com a emergência de acontecimentos, notadamente a partir do trabalho realizado em torno deles, explicitando o que está em causa, no âmbito da regulação política das condições do viver em conjunto numa coletividade (publicização)”. (QUÉRÉ, 2005,p.72)

experiências, seja ela individual ou coletiva, para além de entender a motivação dos sujeitos, mas ver a ação em um dinâmica e o seu poder hermenêutico.

O sociólogo discute a partir das ideias de Hanna Arendt, a concepção de acontecimento como o do entendimento e o da ação, sendo que a perspectiva do entendimento diria respeito ao acontecimento estar inscrito num contexto causal; por outro lado o da ação, ou hermenêutico, que tem a potencialidade de compreender as coisas, ou seja, uma capacidade de revelação. Apesar disso, Queré opta pela dialética da experiência:

Porque o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de maneira ou de outra e que suscita reacções e respostas mais ou menos apropriadas. (QUERÉ, 2005, p.61)

O autor ao pensar sobre a dualidade do acontecimento, ao mesmo tempo que ele inaugura algo, ou seja, ele é inédito, o acontecimento também é capaz de continuar um evento. Porém, a questão apropriada para esta discussão é que, segundo o sociólogo, o acontecimento é resultado de outros que o antecederam. Reflexões essas que direcionam ao sentido de que para um grupo de homens se unirem e gerarem um novo fato: das injúrias contra a jornalista Bianca Machado, outras ocorrências foram vivenciadas pelos agressores que o fizeram ver seus atos como algo como “natural” ou em seus poderes.

Os torcedores que agrediram verbalmente a jornalista Bianca tiveram ocasião, sendo o ambiente do jogo de futebol que há um século se configura ainda como um espaço para os homens; e se formaram numa cultura masculina que também se estende à compreensão da prática jornalística (VEIGA, 2010), ou seja, a mulher representa duplamente como uma intrusa naquele ambiente. A partir de um contexto cultural de dominação masculina em relação às mulheres (inclusive em seus ambientes de trabalho), aqueles homens tiveram a capacidade e a ocasião para proferirem injúrias.

A feminista Adrienne Rich (2012) perpassa e questiona várias ações culturais da heterossexualidade compulsória, que define a opressão e dá papéis às mulheres na sociedade. Indo além na sua crítica, a autora cita o trabalho de Catharine A. MacKinnon, que faz sua análise entre a economia capitalista e a heterossexualidade compulsória. Por exemplo: “No capitalismo, as mulheres são segregadas horizontalmente por gênero e ocupam uma posição estrutural inferior no ambiente de trabalho” (RICH, 2012, p.27).

Central e intrínseca às realidades econômicas das vidas das mulheres é a exigência de que elas irão “comercializar atratividade sexual para os homens, que tendem a manter o poder e a posição econômica para garantir suas predileções”. MacKinnon registra que o “assédio sexual⁷ perpetua a estrutura por meio da qual as mulheres têm sido mantidas em servidão para os homens na base do mercado de trabalho” (RICH, 2012, p.27)

Se torna importante destacar, que Adrienne Rich (2012) constata que o ambiente de trabalho, a fim de sua sobrevivência, faz com que as mulheres aceitem as violações masculinas, principalmente no âmbito psicológico. A autora também recorre aos estudos de outra pesquisadora Kathleen Barry, que traz a “perspectiva de dominação sexual”, em que analisa que é por meio do abuso sexual e do terrorismo contra as mulheres sofridas pelos homens, que os atos são tratados como naturais e inevitáveis.

É como se as mulheres só são necessárias para suprir as necessidades tanto emocionais quanto sexuais dos homens, “Em graus e modos diferentes, todas as mulheres são suas vítimas, e parte do problema da nomeação e de conceituação da escravidão sexual feminina está, tal como Barry claramente observa, na heterossexualidade compulsória” (RICH, 2012, p.31).

Fatores culturais da relação masculina com os papéis sociais atribuídas às mulheres, que Rich denuncia, colaboram para a formação dos sentidos injuriosos, que constituem um universo semiótico hostil para o acontecimento.

UNIVERSO SEMIÓTICO HOSTIL

Para observar o acontecimento da perspectiva Semiótica, Henn (2010, p.80) entende que nele é concentrado a força que impulsiona a semiose, na qual emerge como signo e assim há várias possibilidades de desvendar o objeto. “Ao se instaurar, o acontecimento já se delinea pela trama do sentido e passa constituir história”.

O pesquisador pensa a constituição do acontecimento em diálogo com as categorias desenvolvidas por Charles Sanders Peirce⁸, sendo elas primeridade, secundidade e terceridade. Para essa análise, compreende-se assim como Henn (2010, p.82), que o acontecimento é formado na terceridade, onde tudo é signo e onde os fatos ocorrem na ordem da mediação.

⁸ PEIRCE, C. S. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Desse modo, o autor percebe que é na terceridade que atua mediação da linguagem, na qual se solidificam os sentidos presentes na narrativa. Pois, o signo como terceiro é interpretante, que ao produzir sentidos cria outro interpretante que gera outro, mas sempre sobre o mesmo objeto. Esse movimento infinito de reproduzir interpretantes que constitui a semiose.

Locado no lugar do objeto, o acontecimento oferece-se à experiência: forma-se a partir deste vínculo. Através dele traduz-se em signo, instaura possibilidades de sentido, ampliando a própria experiência: o acontecimento transforma-se em fato. Dos signos emergem os interpretantes, que podem ser tanto sentidos, que traduzem em outros (o que implica uma ampliação da significação), como ações concretas no mundo. (HENN, 2010, p.85)

Assim, o acontecimento vê seu sentido quando afeta os indivíduos, por isso precisa estar determinado na história para se tornar um fenômeno social. Nas três dimensões dada por Pierce (primeira, segunda e terceira) ao signo: “A terceira refere-se às convenções que faz o signo funcionar de determinada forma e nela que o caráter simbólico se pronuncia” (HENN, 2010, p.88).

No caso analisado aqui, as injúrias proferidas para a semiose de Pierce se constituem como legisignos, que são signos que operam devido à forte convenção, esta que é formada por uma lógica cultural ou a hábitos, por exemplo. Porque como signo interpretante, o legisigno tem a força de uma lei pela sua recorrência, como códigos, reflexionado é como se a misoginia é reforçada pelo hábito, que são comentados em meio da cultura e pela sua reprodução atuam como lei.

CONCLUSÃO

Esse ódio exprimido pela torcida pode ser um processo que emerge do hábito individual de proferir ou pensar as mulheres como subalternas eclode num grau de ação coletiva. É uma semiose que tem origem em circunstâncias históricas que se repetem. Isso leva a torcida funcionar como actante de uma mediação, que é histórica, formando um universo semiótico hostil neste acontecimento.

Se as injúrias são constituídas de legisignos, que operam pelas convenções, elas também podem ser asseguradas pelas forças ilocucionárias. Para Butler (2021, p.42), “Se o discurso de ódio atua de maneira ilocucionária, produzindo ferimentos no e ao longo do momento da fala e constituindo o sujeito por meio desse ferimento, então podemos afirmar que o discurso de ódio exerce uma função interpelativa”.

Uma das teses apresentadas pela autora é que o fato de o discurso de ódio ser ilocucionário produz na vítima uma sujeita subordinada. Ao discutir a regulamentação estatal norte-americana do discurso de ódio, entende-se que quando o ato de fala injuriosa é proferido, por pessoas que se sentem ou estão em situação de poder, é endereçada a seus subordinados, assim o discurso de ódio tem o efeito de ressubordinar a vítima dos insultos.

A eficiência das injúrias feitas pelos torcedores a uma jornalista mulher, no caso analisado a Bianca Machado, reside na força do legisigno, que é autorizado na sociedade pela repetição de fatos similares e da qualidade também instaurada socialmente da heretosseualidade normativa que dá valor ao evento coletivo. De modo geral, foi observada aqui é de que o discurso de ódio viabilizou o acontecimento analisado.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO – ABRAJI. **Projeto Violência de gênero contra jornalistas**. 2023. <https://abraji.org.br/projetos/violencia-de-genero-contrajornalistas>. Acesso 17/07/2023

BUTLER, J. **Discurso de Ódio: uma política do performativo**. – São Paulo: Editora Unesp, 2021.

HENN, R. A dimensão semiótica do acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular. 2010.

QUERÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, [S.l.], n. 6, p. 59-76, 2005

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 19 jul. 2023

VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA JORNALISTAS. 2023. <https://violenciagenerojornalismo.org.br/>. Acesso 17/07/2023